

The background of the cover is a digital illustration of a young man with dark, wavy hair and striking red eyes. He is shown in profile, looking upwards and to the left, holding a sword with both hands. The sword's blade is glowing with a bright yellow light, which illuminates his face and the back of his head. He is wearing a dark, high-collared shirt. The overall atmosphere is mystical and dramatic, with a dark, starry background. The title 'Cliford' is written in large, bold, red letters at the top, and 'MAGIA E ASCENÇÃO' is in smaller white letters below it. At the bottom, the author's name 'Juan Neves' is written in white, and a line of text 'Continuação de Cliford: O sem magia' is positioned above it.

Cliford

MAGIA E ASCENÇÃO

Continuação de Cliford: O sem magia

Juan Neves

Cliford

MAGIA E ASCENSÃO

Segunda parte da história Cliford

Juan Neves

importante

Essa não é a versão final da história, irei aprimora-la e trazer com mais detalhes um pouco mais para frente. Essa é apenas a versão resumida e curtinha da história, apenas para retirar o conteúdo da minha cabeça e da vida aos personagens.

Boa leitura!

índice

1. Capítulo um
2. Capítulo dois
3. Capítulo três
4. Capítulo quatro
5. Capítulo cinco
6. Capítulo seis
7. Capítulo sete
8. Capítulo oito
9. Capítulo nove
10. Capítulo dez
11. Capítulo onze
12. Capítulo doze
13. Capítulo treze

Capítulo um.

Já se passaram anos, talvez dias, mas ainda estou aqui. As correntes já não doem mais, tornaram-se parte do cotidiano. Meu cabelo cresceu e estou ainda mais magro, uma vergonha para minha família.

Fazia semanas que eu estava naquela cabana. Brita havia fugido e Oliver voltou para a mansão para me proteger, enquanto Draco continuava sem acordar.

Sua mente ainda era um mistério para mim. Eu usava o feitiço que conhecia para adentrá-la, mas falhava. Tentava lançar feitiços de cura, mas também não obtinha sucesso. Estava realmente preocupado.

Não tinha nada de Brita para fazer um feitiço de busca. Ela disse que o colocou para dormir e que reforçaria o feitiço. Hoje me pergunto por que ela parou. Será que estava exigindo demais dela?

Eu dormia ao lado de Draco, com a cabeça em seu peito. Quando os primeiros raios de sol atravessavam as janelas, eu me levantava e ia fazer qualquer coisa.

Estava com medo de perdê-lo, atormentado pelo significado disso.

Era noite e eu já estava deitado, com um livro em minhas mãos, quando a porta se abriu. Eu estava exausto, então apenas deixei a cama e fui até a sala sem minha varinha. Sabia que não conseguiria lançar nenhum feitiço.

"Por Morgana!" Agnes disse, tirando o capuz. Oliver entrou logo atrás. "Então é verdade? Vocês quebraram o laço da magia de Draco."

Condenei Oliver com meu olhar, pobre jovem tolo.

Não tinha nenhuma mentira em mente, então apenas concordei e ela o levou de volta para a mansão.

Lian, Agnes, Elena e Sibyl passaram uma semana inteira lançando feitiços sobre Draco. Não tenho certeza quais foram, já que eu e Frederico não participamos. Eu porque não era um Cliford, e Frederico, bem, ele simplesmente não quis.

Continuou vivendo sua vida normalmente, como se seu filho não estivesse em coma. Ia ao clube, trazia amigos para casa e jogavam baralho. Ele agia normalmente.

Capítulo dois.

Mas sinceramente, eu não me importo. Faz tempo que não procuro me importar. Você levou tudo de mim quando se foi.

Draco estava melhor. Talvez o erro não tenha sido de Brita, mas sim dos Cliford's. Quatro feiticeiros poderosos poderiam facilmente quebrar o feitiço de uma única bruxa poderosa.

Meu irmão, Quideon, o mais velho de nós, havia me enviado uma carta. Na infância, eu o adorava, mas naquele momento, eu o odiava. Em sua carta, ele pedia para eu deixar a Geórgia e voltar para a Escócia, pois ele iria se casar e queria que eu estivesse lá.

"Que diabos, estou em uma missão, você não vê?", foi o que pensei.

Rasguei a carta e a joguei na lareira. Ele era meu irmão favorito, e essa foi sua última carta para mim. Será que ele já tem filhos?

Peguei alguns livros na biblioteca. Draco gostava de romances narrados por mulheres, mulheres livres e empoderadas. Subi os mais de trinta degraus, indo para a direita.

A porta de Draco estava entreaberta, e ouvi sussurros.

"Por que ele ainda está aqui?", era a voz de Lian, o gêmeo de Draco.

"Draco e ele se dão bem", disse Agnes.

"Isso é tão leviano", Lian disse, parecendo irritado. "Eles até podem ser amantes, mas Draco tem recusado até conversar com as candidatas."

"Ter Gusta já me basta", a voz dele estava fraca, mas ainda assim me encheu de alegria.

"Mas isso não basta para a sociedade."

"Lian, quando nos importamos com a sociedade?", disse Agnes. "Temos a magia a nosso favor, podemos desmontar e montar o mundo como quisermos. Somos Cliford's."

"Exato, Gusta é um Blossom!"

"Você vai se casar com alguma prima?"

"Nem temos primas com o sobrenome Cliford."

"Com Elena ou comigo?"

"Não seja ridícula!"

"Estou sendo sincera, Gusta é um Blossom, e isso o torna ainda melhor, muito melhor do que a North, com quem você fica às escondidas."

"Chega!", Draco disse. "Não vou abrir mão de Gusta, e quem se opuser a isso vai virar pó, seja quem for."

Fiz um feitiço para ficar invisível por menos de quarenta segundos, enquanto Lian deixava o quarto, sendo logo seguido por Agnes.

Capítulo três

Aquele dia ainda me atormenta em meus sonhos, e só de pensar que era você quem tinha pesadelos, gosto de pensar que você está rindo onde quer que esteja.

Já se passava uma semana desde que Draco se recuperou. Ele estava bem e alegre, íamos todos os dias aos jardins. Fazíamos caminhadas pela floresta e tomávamos chá a qualquer hora do dia.

Estar ao lado de Draco me deixava exausto, quase como estou agora. Sentia que minha magia estava saindo do meu corpo. Era esse o efeito da magia de Draco. Amarga, sólida, sombria, como se estivesse tirando cada parte de mim.

Não era apenas eu que me sentia assim, todos na casa se sentiam assim. As empregadas, que tinham a magia mais escassa, se arrastavam pelas paredes.

Os feitiços de cura, pelo menos os que eu conheço, não curam o efeito de outras magias. Mesmo assim, eu pegava minha varinha e dizia "bem como um pássaro", sem resultado algum.

Fiquei furioso quando minha mãe me enviou uma carta mágica, dizendo que era hora de voltar para casa.

Não deveria ter continuado lá, deveria ter feito tudo o que meus pais queriam. Hoje, eu poderia estar vendo o sol nascer e se pôr, admirando as estrelas. Sempre gostei de ver o céu noturno. Draco dizia que era tosco, mas ele se juntava a mim no telhado e perguntava os nomes das constelações. Naquela época, o céu não era poluído.

Naquela noite, nós nos unimos em um só. Não foi como nenhuma das minhas outras vezes. Eu estava fazendo amor, amor com a pessoa que escolhi para ser o amor da minha vida.

Não dormimos agarradinhos e felizes naquela noite. Entre um beijo e outro, eu disse "eu vou embora". Ele olhou para mim e disse "não, ainda tem tempo, fica mais um pouco".

Suspirei, sentando-me na cama.

"Vou voltar para a Escócia", ele se colocou ao meu lado.

"O que? Por quê?"

"Meus pais querem assim, não posso ir contra eles", expliquei.

"E nós?", ele perguntou.

"Eu enviarei cartas", respondi.

"Cartas não bastam!", ele exclamou, chorando. Eu também chorei, mas estava de volta à Escócia, como meus pais queriam.

Eu sei, tive diversas chances de fugir do meu destino, mas mesmo assim permaneci de mãos dadas com ele.

Capítulo quatro.

Há algum tempo, fiz um voto de silêncio, os soldados já tiraram tudo de mim, não tenho mais nada para contar, mas mesmo assim alguns deles ainda vêm aqui se divertir. Juro que contei a eles, contei que fiz tudo em nome do amor.

Draco não se despediu de mim. A manhã na Escócia estava fria e minha mãe me esperava no aeroporto. Revirei os olhos ao ver seu sorriso, como me arrependo disso.

Fiquei trancado no quarto até o casamento de Quideon, só saía para pegar as cartas de Draco. Ele relatava sobre seus dias e como estava bem com sua magia. Eu estava feliz por ele.

"Venha, venha", minha mãe me dizia, puxando-me para perto do altar. "É hora da foto". Naquela época, as câmeras ainda não tinham cor. Ficamos todos juntos e sorrimos. Papai fez questão de que eu ficasse ao lado de uma certa dama.

Mais tarde, descobri que ela era minha noiva.

"Não, eu não vou casar com ninguém!" Gritei para meus pais. "Gusta, você está muito envolvido com o Cliford, todos estão comentando", minha mãe disse calmamente. Sua calma me estressava.

"Não vou me casar com alguém que não amo!"

"Amor não é algo que se sente!" Papai bradou. "É algo que se escolhe. Você vai escolher amar a Marina, assim como ela já escolheu te amar".

"Não, eu escolhi amar Draco!"

"Chega dessas suas libertinagens. Até onde isso vai te levar?"

"Até a morte", criança burra. Mal sabia que aquelas palavras jogadas ao vento o destino recolheria e o faria se tornar parte de meu presente.

Naquela noite, recebi mais uma carta de Draco. Ele estava revoltado. Descobriu que foram seus pais que amarraram sua magia quando era um bebê e agora queriam falar com o mago para fazerem isso novamente.

Queria que o mago, naquela altura, encontrasse uma forma de arrancar aquele mal das veias do amor da minha vida, mas se você tira a magia do sangue de um feiticeiro, você o mata.

Capítulo cinco

Lembro-me de uma moça que estava presa aqui comigo. Seus cabelos eram ruivos, os olhos negros, o rosto fino e o nariz arrebitado. Não sei o seu fim, não sei o meu fim, mas espero que esteja bem.

Já fazia um mês e meio que tinha voltado para a Escócia. Ajudava minha mãe com suas ervas e poções, escrevia e lia. Não participava dos jantares com Marina. Ela me enviava cartas, mas eu as queimava antes mesmo de abrir o selo.

Draco uma vez apareceu em meus sonhos para avisar que estaria na Escócia. Nos encontramos em um penhasco. Seu cabelo estava um pouco mais longo, seus olhos estavam mortíferos, e a expressão exausta tinha se ido. Ele parecia jovem. Naquela altura, ele já tinha dezoito anos, e eu já tinha vinte e um anos. Oliver estava com Draco.

"Briguei com meu pai", ele disse.

Não perguntei o porquê. Assim como eu, Draco estava na idade perfeita para um casamento que fortaleceria a família e traria ainda mais respeito. Ele tinha voltado para a linha de sucessão, mas ele queria mais, muito mais.

Uma vez, Draco sugeriu que nós casássemos, assim as duas famílias estariam satisfeitas. Mas isso me amedrontou.

Estávamos vivendo em 1938. O que ele queria que eu fizesse? Pegasse sua mão e me colocasse na fogueira?

Draco não me disse que tinha brigado com o pai apenas para desabafar. Ele não fazia isso. Ele sempre guardou tudo para si. Ele dizia: "Conte o que te atormenta, que usarão como tortura". Ele queria se vingar do pai, não apenas pelo casamento, mas pela sua magia também. Perguntei uma vez: "E a sua mãe? Ela não foi contra ao seu pai, mesmo sendo a Cliford de puro sangue?" Estávamos nus em uma cama barata, de um motel barato. Ele alisou minhas costas e disse: "Apesar de me condenar a uma vida miserável, ela não me repugnou. Ela me amou e me apoiou, algo que aquele miserável nunca fez, e por isso merece morrer".

Me calei e me deitei em seu peito. Dormimos sujos e impuros. Éramos pecadores nos deliciando no pecado. Draco Eleanor Cliford foi o meu pecado mais doce e mortal, e se ele for me levar para o inferno, tudo bem, eu aceito.

Capítulo seis

O som de sua voz começa a desaparecer da minha memória. Não terei a eternidade ao seu lado. A cada dia, peço mais pela morte, mas ainda sou jovem. Tinha apenas vinte e um anos quando aconteceu.

Draco permaneceu na Escócia. Comprou uma casa de campo, e ficávamos lá a tarde inteira. Oliver não podia ficar lá, então era apenas nós dois.

A carta do mago chegou em uma quarta-feira, às 16h. Fui eu quem abriu a porta.

"Quero falar com Draco Cliford", o mensageiro disse.

"Não conheço ninguém com esse nome", rebati, e ele revirou os olhos. A sua pedra mágica estava presa à espada, e ao lançar o feitiço, ele sem querer cortou a madeira do batente da porta. Acho que a marca ainda está lá. Draco deixou tudo em meu nome, então, acredito que a casa não foi demolida.

A carta passou pelo meu ombro e se direcionou à sala. O mensageiro sumiu como fumaça.

"O mago quer me ver", ele estava com uma caneca de chá nas mãos. "Foi o meu pai, só pode ter sido ele".

"O que ele poderia fazer?"

"Me denunciou. Minha magia não tem porcentagem de magia branca. Aquele filho da puta usou os contatos para falar com o mago, e agora ele quer me ver".

Draco estava destinado a dar um fim na existência do pai.

Capítulo sete

Acho que o amor é assim, não é? Damos tudo e ficamos sem nada. Nós dois demos tudo e, no fim, ficamos sem nada.

Na semana seguinte, Draco partiu para onde o radar não pega, entre o mar e o céu. Alguém sem magia nunca verá, nem mesmo se usar um telescópio. Ele foi até o Templo de Amisteng, uma das cidades mágicas mais importantes do mundo. Era ali onde o mago e sua irmã deram origem a toda a magia, um para o lado bom e o outro para o lado ruim. Infelizmente, Ecly, a irmã do mago, se foi há muitos anos, deixando apenas sua prisão para trás.

Os maiores feiticeiros da máfia negra são presos lá. É como uma dimensão separada da nossa. Apesar de Ecly estar morta, sua magia continua viva, e o mago apenas precisa recitar o feitiço de milhares de anos atrás, e o feiticeiro é cristalizado e nunca mais sai dali.

Eu estava aflito, andava de um lado para o outro. Me recordava das palavras de Brita: "Sua magia não tem nenhuma clareza. O laço que prendia sua magia não era natural. Alguém o amarrou ali. Feiticeiros não perdem sua magia, ela não se dilui nem diminui." Ele podia ser cristalizado ou até mesmo algo pior, e isso fazia meu coração sangrar.

O que seria de mim sem Draco?

Seria exatamente o que sou hoje em dia. Sou um nada. Draco levou tudo de mim quando se foi.

Capítulo oito

O seu olhar vago e vazio ainda me atormenta. Ainda vejo os seus cabelos molhados em sangue. Ainda consigo sentir o desespero, e é nessas horas que quebro o voto de silêncio e grito.

Não deixei a casa de campo nem sequer um dia. Eu esperava pela sua volta, apesar dos rumores que cercavam a cidade. Fiz um feitiço de localização, mas, como disse antes, Amisteng não está no radar.

Mal dormia à noite, relia todas as suas cartas, à procura de algo que mostrasse que você precisava que eu lhe salvasse. Mas nada.

Fazia duas semanas exatas que você tinha ido para *Amisteng*. Oliver entrou na casa usando um capuz ridículo.

"Cadê ele?", disse, deixando a taça de vinho de lado. "Onde o Draco está?"

"Ainda não soube?", havia um tom amargo em sua voz.

Me ergui.

"Não sei o quê?" Sibilei próximo ao seu rosto.

"Draco foi até Amisteng fazer testes em sua magia. O mago percebeu que sua magia não tinha clareza."

Peguei o abajur que estava próximo e joguei contra a lareira. Óbvio que o mago queria mais esse feito para a conta. Ele iria cristalizar o Cliford com mais chances de ganhar a batalha final. Isso entraria para a história.

"Sr. Blossom, Draco pediu que eu entregasse isso a você."

Nunca li aquela carta, mas ela sempre andou comigo, guardada dentro do bolso interno do meu terno.

"Iremos superar isso", Oliver me tomou em seus braços.

Só percebi que estava chorando quando comecei a soluçar.

Meu amor por Draco naquela época era tão forte que não tinha como voltar atrás. Me arrependo de estar onde estou, mas não das coisas que me trouxeram até aqui.

Capítulo nove.

Amava contemplar o luar, seus olhos brilhavam junto às estrelas, mas hoje mal vejo o sol.

Com o destino de Draco traçado, não havia mais motivo para eu continuar naquela casa. Tudo lá me lembrava dele, e mesmo que um dia eu seja liberado, não entrarei naquela casa novamente.

A cozinha me trazia lembranças de Draco preparando café para nós com seus feitiços. A sala de visitas me recordava das tardes que passamos jogando xadrez juntos. No quintal, eu via Oliver ensinando feitiços poderosos para Draco, com uma certa malícia na voz. "Fogo, brilha, fogo jamais brilhará", ele dizia, sabendo que Draco tinha o poder de incendiar uma floresta inteira. Na sala íntima, havia uma lareira que me lembrava do dia 13 de abril, quando Draco e eu dormimos nus em frente a ela, e eu acordei antes dele, passando a manhã inteira acariciando suas costas.

Voltar para casa foi doloroso. Meus pais chamaram os amigos próximos para comemorar, afinal, um Cliford havia caído. Oliver costumava chamar Draco de fênix, pois acreditava que a cada queda ele voltava mais forte e com mais sede de sangue. Mas um dia ele não voltou.

"Venha, vamos comemorar!" minha mãe me puxou para dançar.

Eu recusei, me soltei de suas mãos delicadas e a empurrei. Não havia decepção em seu rosto, apenas mágoa em seus olhos. Me pergunto se hoje ainda há um resquício de decepção em seu olhar.

Não sei exatamente há quanto tempo estou aqui. Preocupo-me que já tenha se passado anos e o mago ainda não me tenha liberado para ir ao enterro de minha mãe ou de meu pai.

"O que há com você!?" meu pai gritou comigo.

"Estamos falando da vida de alguém! Não podemos comemorar a morte de alguém assim!" retruquei no mesmo tom.

A mágoa nos olhos de minha mãe só aumentava, assim como o rancor em meu peito. Naquele momento, ver seu olhar de tristeza e frieza me trouxe satisfação, por finalmente estar conseguindo feri-la. Mas hoje, só há arrependimento por minhas palavras terem sido como punhais em seu coração.

"Querido, deixe-o", ela se colocou entre nós. "Ele bebeu demais. Suba, Gusta, vá esfriar a cabeça. Não estamos falando de qualquer pessoa", ela se virou para mim, sua expressão de tristeza e frieza endureceu minhas pernas. "Estamos falando da família que tirou a magia de seu pai, e teria feito o mesmo com seu irmão, se eu, grávida de você, não tivesse impedido."

"Não sou responsável pelos seus pecados. Draco não tem que pagar pelos erros dos pais dele!" berrei.

A orquestra que tocava para nós parou, a festa parou, todos olhavam para nós. Minha mãe estava vermelha de vergonha, vergonha de mim.

Ela segurou meu braço com força, gravando suas unhas nele, e me arrastou até o segundo andar.

"Que feitiço ele lançou sobre você?" ela me fez sentar em seu escritório.

"Nenhum. Talvez tenham sido vocês que lançaram um feitiço sobre mim."

"Você não percebe que se tornar pupilo do Cliford vai acabar em uma cela apodrecendo ou morto? Não percebe isso?"

Ela estava certa sobre o meu destino.

"Você só fala asneiras."

"Você vai se casar."

"Eu não vou."

"Não tem como voltar atrás", ela se sentou na cadeira de couro, exausta. "O casamento já aconteceu."

"Mentira, eu não estava lá."

"Tenho a sua magia, e a dos seus irmãos, guardadas comigo. Eu as usei."

De fato, minha mãe tinha feito isso depois que Sibyl Cliford invadiu nossa casa durante a guerra da luz, quando ele tentou

Capítulo dez.

Cometemos atrocidades juntos, mas o que posso fazer? Negar o meu amor e ir contra o que fui ensinado a fazer?

Naquela noite, em meu deleite, fui levado durante o sono a uma floresta repleta de pinheiros. O vento os agitava, e eu podia ouvir os murmúrios sofridos de anos de aprisionamento. Tentei recorrer à minha magia, mas foi em vão.

No meio das árvores, Draco apareceu, e então percebi onde tinha sido levado. Estava na prisão de Eclý, e ela estava ao lado do rapaz, sorrindo para mim.

Ela era branca, quase pálida, com cabelos longos e pretos, olhos em um tom de violeta. Seus pés estavam descalços, e ela vestia um vestido branco com a borda esfarrapada e suja.

"Sou Eclý", raios rasgaram o céu, árvores caíram e choros foram ouvidos quando sua voz soou.

"Eu sei quem você é, mas o que estou fazendo aqui?"

Draco, naquele momento, me abraçou e selou nossos lábios, como se não estivéssemos em uma prisão mágica para traidores.

"Irei sair do cristal", ele sorria, e seu sorriso dizia que tudo era possível.

"Não há como sair, a menos que o mago o liberte, e agora, estou preso aqui também", de alguma forma, eu estava contente por isso.

Eclý não parecia ter trinta anos, nem setenta. O mago parecia ter oitenta. Ela correu em minha direção, rodando ao meu redor.

"Fui eu quem criou tudo isso, é claro que sei de uma saída."

"Se você realmente soubesse, não estaria presa aqui."

"Meus feitiços foram tirados de mim, assim como os do meu filho. Me envolvi com a pessoa errada e fui condenada por amar."

Aquela história se parecia tanto com a minha.

"Vá até o templo e me espere lá. Sairei em grande estilo."

"E então encontraremos o meu filho."

"Você mesmo vai fazer isso. Sairei e levarei você junto."

Draco era o mais poderoso de nós três naquele momento. Sei que ele não criou outra dimensão apenas rindo, como a diabólica Eclý, mas ainda assim, ele era o único capaz de arrancar todos os corações de um exército com um simples movimento de mãos.

Ele me beijou mais uma vez e então fui tirado de lá. Usei toda a magia que tinha para desaparecer como uma fumaça, assim como Brita fez. Enfie as mãos nos

bolsos do meu sobretudo e me recostei em frente a um poste, aguardando Draco.

Capítulo onze

É irônico pensar em nós. Você já não tem mais um futuro, enquanto eu carrego apenas a dor e o vazio.

Era onze da manhã quando testemunhei algo que jamais imaginei presenciar.

A sala de cristalização, localizada no topo do templo, era uma sala repleta de janelas com vitrais coloridos. Um estrondo ecoou dali, assustando as crianças que treinavam no pátio, assim como eu.

Os guardas correram em direção ao local, mas Draco quebrou os vitrais em sua saída, flutuando no ar em vez de tocar o chão.

Seus olhos estavam vermelhos como sangue, suas roupas em desalinho, e o templo estava em ruínas.

Draco lançava feitiços um após o outro, dismantelando todo o templo.

Ele pairou sobre o chão quando o quarto e o terceiro andar estavam completamente destruídos. Eu não me aproximei, pois ele me instruiu mentalmente a não fazê-lo. Os soldados corriam em sua direção, mas se transformavam em pó antes mesmo de chegarem perto dele.

As crianças corriam apavoradas, e uma delas, sem querer, esbarrou em Draco. Hoje em dia, penso que talvez ele tenha permitido que isso acontecesse, para mostrar o quão cruel ele podia ser.

Seus olhos encontraram os da criança e ele sorriu. Com um gesto do indicador, ele se aproximou da criança, sussurrou algo em seu ouvido e acariciou seus cabelos. Draco arrancou o coração de uma criança inocente.

Ele passou pelo corpo caído no chão como se fosse um saco de lixo, seus olhos cheios de desprezo e arrogância.

Ele estava exausto e, então, ergueu as mãos e virou o pulso. Os corações de todos, inclusive os das crianças, caíram a dois metros de seus corpos.

Ele riu enquanto lançava os últimos feitiços para destruir completamente o templo.

Draco Eleanor Clifford entrou para a história por derrubar o templo de *Amisteng* e matar diversas crianças no processo.

Isso me fez lembrar de uma profecia.

Haverá um ser que dominará as trevas, arrancando toda a nossa esperança. Mas também haverá um ser que dominará a luz, trazendo de volta a nossa luz e esperança.

Capítulo doze.

Às vezes, ouço um zumbido e penso que é a sua alma clamando por mim, mas não, é apenas eles brincando com o que restou de mim.

Ao me ver, ele sorriu, lambeu os pingos de sangue no canto de seus lábios e me puxou pelo colarinho, me beijando.

"Você veio!", exclamou ele com um brilho no olhar e uma felicidade na voz, antes de voltar a gargalhar.

Eu queria gargalhar com ele, mas o medo havia se instalado em minhas veias.

"Vamos, Eclý disse que estão mandando reforços", ele segurou minha mão, mas eu a desvencilhei.

"Eclý?"

"Sim, a irmã do Mago, você se esqueceu?", ele olhava constantemente para os lados, "bom, tenho que ir agora, não tenho tempo para lidar com o seu drama", ele segurou meu rosto em suas mãos, sujas de sangue, e me beijou, colocando em minha mente o local para onde ele ia, "só não estrague tudo", ele sorriu e piscou antes de desaparecer.

Sim, desaparecer. Não em meio a uma fumaça, simplesmente desaparecer, como água quando é evaporada.

Nunca vi nada como aquilo. Draco era feito de magia, magia negra, magia do mal, e naquela época, já não dava para voltar atrás.

Senti a magia se aproximando e desapareci em meio a uma fumaça. Meu feitiço deixou o cheiro de minha magia, então eu e Draco estávamos sendo procurados pela lei mágica. Sabia que meu fim estava selado naquele momento.

Mas eu permaneci. Tinha me acostumado com o fato de que ele seria minha destruição. Eu até gostava disso. Pensava que eu também seria a dele, mas Draco era como uma estrela. Elas morrem e destroem tudo ao seu redor, apenas elas mesmas podem se destruir.

Estávamos em uma casa dentro de uma floresta em *Amisteng*. Ele passava os dedos pelas lombadas dos livros com um sorriso eufórico.

"Ela disse que estariam aqui, e de fato estão", ele pegou um livro, dando uma olhada rápida.

"Como Eclý pôde ter avisado que eles estavam vindo?"

"Alguém te machucou?" Ele devolveu o livro e agarrou meus ombros, me analisando. "Me fale, não se demore, quem foi?"

"Ninguém me machucou", ele soltou um suspiro aliviado. "Me responda sobre a Eclý".

"Eu liberei a alma dela."

"Você fez o quê?"

"Ela, assim como o Mago, é quase imortal. Ela tem um filho e está atrás dele. Seria mais fácil com o seu corpo, mas, pelo que parece, o Mago deu um jeito de escondê-lo."

"Draco, por que você a soltou?"

"Fiz um acordo com ela. Eclý me deu o feitiço para sair de lá e o feitiço que irei precisar e eu a libertei."

"Que feitiço você está precisando?"

"Irei parar o coração de meus irmãos."

Arregalei os olhos. Draco tinha uma irmã que, naquela época, já tinha nove anos. Ele riu e me beijou mais uma vez.

"Não os matarei. É um feitiço obscuro, esse aqui em algum lugar", ele olhou em volta. "Irei parar e enviar suas almas para um lugar que eu mesmo criei."

"Que lugar?"

"É parecido com os campos de Eclý. Fiz um lugar igual à nossa casa nos campos. Elena adorava lá, uma pena ter queimado", ele se virou para as estantes. "É o coração de gelo que estou procurando", o livro parou em suas mãos.

Fiquei ainda mais embasbacado. Ele não precisava mais de uma varinha, conseguia tudo o que queria com as próprias mãos.

E naquela noite, ele parou o coração de seus três irmãos. Um feitiço que escureceu suas veias e seus olhos, houve danos significativos na prática da magia em geral. Posteriormente, fui informado por Brita que feiticeiros perdeu completamente sua habilidade mágica.

Capítulo treze

Ainda estou confinado aqui, enquanto minha mente vagueia em busca de você. Embora saiba que não o encontrarei mais nesta vida, Draco, saiba que ainda estou esperando por você.

A notícia da seu feito se espalhou pelo mundo, causando uma comoção generalizada. Draco era visto como uma figura semelhante ao anticristo, para aqueles que acreditam em alguma religião.

Ele não precisou enviar uma mensagem ao seu pai, pois isso foi o suficiente para Frederico lançar um feitiço de busca e nos encontrar.

Ele veio acompanhado de Oliver, enquanto Sibyl permaneceu na Geórgia, lançando feitiços na tentativa de quebrar os de Draco.

Draco exibiu um sorriso ao avistar os dois ali. Frederico avançou lançando feitiços, mas todos foram prontamente neutralizados pelo filho.

Tanto Oliver quanto eu apenas observamos, sem nos envolver na luta. Eu sabia que Frederico havia derrotado um gigante em uma de suas batalhas, mas nunca havia presenciado algo tão impressionante quanto o que Draco realizou naquela tarde.

Eram feitiços complexos, que exigiam muito dele. No entanto, ele os lançou um após o outro, abrindo um portal direto para o inferno, com o intuito de enviar seu próprio pai para lá.

O desfecho inevitável se concretizou: Draco se revelou como o feiticeiro mais poderoso que já caminhou sobre a terra, rivalizando até mesmo com os lendários irmãos Norfh. Frederico jazia morto no chão, enquanto Draco estava coberto de sangue. Oliver desapareceu em meio à fumaça, levando consigo o corpo de seu líder.

Draco permaneceu acordado durante toda a noite, assim como eu. Juntos, criamos novos pecados dos quais nunca me envergonharei.

Em breve

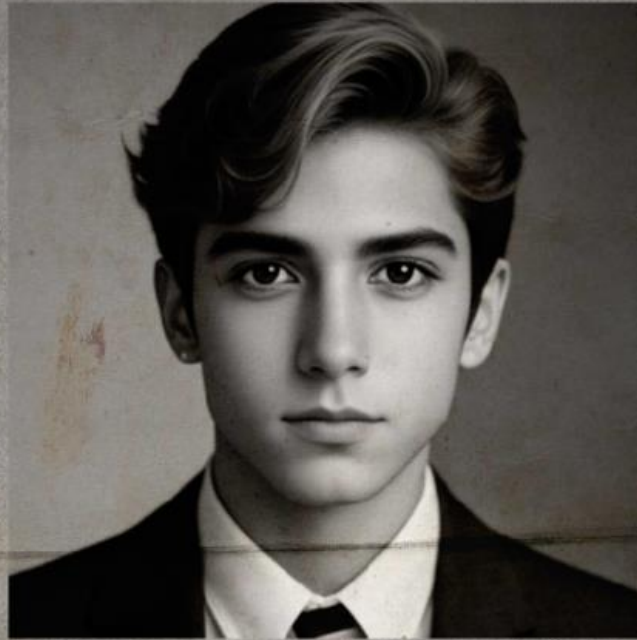


A história de Brita continua enquanto ela enfrenta desafios e descobre mais sobre seu poder e destino. Em um mundo de magia e intriga, Brita terá que encontrar a força para superar suas dificuldades e lutar por sua própria sobrevivência.



Draco encontra-se em um estado de poder amplificado, após a morte de seu pai e o aprisionamento de seus irmãos em um sono profundo. Determinado a adquirir ainda mais poder, ele direciona sua atenção para um local que supera em potência mágica o próprio templo de Amisteng: a renomada Escola de Amisteng, Wickanio.

CRISTALIZADO



Draco Eleanor Cliford, um membro de uma das famílias mais poderosas, foi cristalizado após ser intimado pelo próprio Mago para um exame mágico em seu sangue. Infelizmente, não foi encontrado nenhum traço de magia da luz, o que resultou na cristalização. A família repugna a ação do filho e lamenta profundamente o seu futuro. Draco aceitou o seu destino e fez o seu último juramento ao Mago nesta sexta-feira.

A cristalização é considerada a pior forma de prisão, pois significa viver eternamente em meio a lamentos e dor. O Mago a descreve como o vazio da magia da luz, a ausência do que se deseja e não se pode ter. É como estar em um próprio inferno, criado por Eclý Norfh, irmã de Edyh Norfh, o Grande Mago.